

METÁFORA: UMA PONTE ENTRE O COTIDIANO E A SALA DE AULA

Thalita Cunha de Rezende; Luísa Bourjaile;

Jaqueline Miranda; Vanessa Borges¹

Problematizando o ensino de metáfora

O ensino da língua materna nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil é baseado primordialmente em uma abordagem prescritiva, com base nas regras de gramática normativa. De acordo com Travaglia (2009), a gramática que se ensina na escola “provêm de uma visão reducionista e distorcida ou mesmo preconceituosa do que seja a gramática da língua”. O problema desse ensino prescritivo é que se estabelece uma barreira entre a língua e o cotidiano dos alunos, transformando assim, a língua em algo artificial e sem significado para o aluno.

Um exemplo de como a abordagem da língua portuguesa em sala de aula distancia a língua do cotidiano dos alunos é o ensino de metáforas. Uma análise da abordagem de metáforas em gramáticas normativas e pedagógicas evidencia que a metáfora é tratada segundo a tradição retórica, ou seja, é vista como um desvio da norma culta e um artifício da linguagem literária. Posto isso, os alunos acreditam ser a metáfora algo distante de seus cotidianos, ou seja, um artifício que irão utilizar somente quando precisarem recorrer a uma linguagem mais rebuscada, na maioria das vezes, em textos literários.

Contrapondo essa visão tradicionalista, apresenta-se a teoria da metáfora conceptual formulada pelo lingüista George Lakoff e o filósofo Mark L. Johnson no final da década de 1970. No livro *Metaphors we live by* (1980) traduzido para o português com o título *Metáforas da vida cotidiana* em 2002, esses autores afirmam que a metáfora é tão importante como se “fosse um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão

¹ Letras Português/Inglês. Universidade Federal de Viçosa (UFV) thalitarezende7@gmail.com / lubourjaile@gmail.com / jaquensf@yahoo.com.br / vanessa-borges@hotmail.com

importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto” (LAKOFF E JOHNSON, p.358). A partir dessa definição, constata-se a influência da metáfora na vida das pessoas. O que os autores mostram neste trabalho é que a linguagem cotidiana é fundamentalmente metafórica, pensamos metaforicamente e estas metáforas conceptuais são explicitadas pela linguagem.

Tendo por base essas premissas, percebe-se que abordagens lingüísticas podem ser levadas à sala de aula com o intuito de aproximar o ensino de língua portuguesa da realidade dos alunos. Neste trabalho, propomos essa aproximação através do ensino de metáforas segundo o conceito apresentado por Lakoff e Johnson.

Tradição Retórica x Teoria da Metáfora Conceptual

Para Lakoff e Johnson (2002), o nosso sistema conceptual é fundamentalmente metafórico. Dessa forma, as metáforas não se encontram na linguagem, mas sim no pensamento inconsciente. O papel da linguagem é apenas o de explicitar essas metáforas conceptuais através de “expressões metafóricas”. Portanto, para estes autores, as metáforas são figuras do pensamento, visto que a origem é na mente e não na língua.

Segundo estes autores, a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Baseando-se na teoria de Lakoff, Pontes (1990) afirma que as metáforas são culturais e podem informar ações, como, por exemplo, nos conceitos metafóricos TEMPO É DINHEIRO, DISCUSSÃO É GUERRA e AMOR É VIAGEM. Como a cultura ocidental considera o tempo um bem valioso, as pessoas são pagas pelo tempo de trabalho cumprido e não pelo volume de tarefa produzida. Além disso, as chamadas telefônicas, consultas médicas etc. são pagas pelo tempo de duração. Da mesma forma, como DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura, ela estrutura as ações que realizamos numa discussão: “defendemos” nossos pontos de vista, “atacamos” a argumentação do nosso “adversário” e no final, podemos sair da “batalha” como “vitoriosos” ou “perdedores”. Como para nós AMOR É VIAGEM e uma viagem muito longa é monótona, um casal que vive junto há muito tempo pode achar o casamento monótono.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), as principais metáforas conceptuais são estruturais, orientacionais e ontológicas. As primeiras são aquelas que estruturam metaforicamente um conceito abstrato a partir de outro concreto, estabelecendo relações entre os

domínios (ex: AMOR É VIAGEM). As metáforas orientacionais são aquelas relacionadas à orientação espacial, como, por exemplo, no conceito metafórico FELIZ É PARA CIMA (“Estou me sentindo pra cima hoje”) e TRISTE É PRA BAIXO (“Estou no fundo do poço”). Nossas experiências com objetos físicos fornecem a base para as metáforas ontológicas que nos permitem entender coisas abstratas como entidades e substâncias como na expressão metafóricas INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE (“É necessário ‘domar’ o grande ‘monstro’ da inflação”).

Na tradição retórica, a metáfora é encarada como uma figura de linguagem, um ornamento lingüístico, um desvio da norma culta e um artifício da linguagem literária. A noção de Aristóteles, séc. IV a.C, diz que metáfora é a transferência de significado de um termo para outro, como por exemplo em “Julieta é o sol”, o termo “sol” é usado para significar “Julieta”. Então, as características do “sol” são transferidas para “Julieta”. De acordo com Sardinha (2007), a idéia de Aristóteles é de que a metáfora é uma comparação apenas com formas diferentes. Contudo, usa-se a comparação entre coisas similares, e usamos metáforas entre coisas que são completamente diferentes, como por exemplo, na frase: “Mesmo doente, Marcela vai à diante. Ela é um trator”, em que o domínio-fonte é “trator” e o domínio-alvo é “Marcela”. A frase “Ela é um trator” é uma expressão metafórica indicativa de que “Marcela” é forte e passa por cima de tudo. Vemos que não se trata de uma comparação, já que a pessoa “Marcela” e o objeto “trator” são coisas completamente diferentes. Assim, percebe-se que a similaridade não é pré-existente, ela é criada pela metáfora.

Dessa forma, segundo Aristóteles, não há ganho cognitivo no uso da metáfora. O que Lakoff e Johnson (2002) argumentam é que nem todas as características de “sol” são transferidas para “Julieta”, mas apenas algumas. Ou seja, afirmar que “Julieta é o sol” pode significar que ela ilumina a vida do autor da frase, que ela é quente etc., mas não pode dizer que ela é amarela, prejudicial aos olhos etc. Isso nos leva a inferir a importância do contexto para o entendimento de expressões metafóricas. Percebe-se, portanto, que essa escolha não é arbitrária, mas sim motivada.

A partir das abordagens dadas sobre metáfora pela Tradição Retórica e pela Teoria da Metáfora Conceptual, observa-se que essas divergem no que se refere à definição do termo; a primeira tratando-o como sendo uma comparação utilizada somente na linguagem literária e a segunda como sendo a metáfora presente em toda a comunicação humana muitas vezes de forma inconsciente, sendo encontrada nas diversas situações do dia-a-dia. Na verdade, Aristóteles não

chegou a formular uma teoria sobre metáforas, o que mostra que essa foi apenas uma introdução ao estudo deste conceito. De tal modo, é possível demonstrar que a Teoria da Metáfora Conceptual é uma teoria mais aprofundada, e que pode ser abordada na sala de aula objetivando aproximar o ensino da língua portuguesa do cotidiano dos alunos. É claro que os professores não dariam uma aula sobre a teoria de Lakoff e Johnson, mas falariam dela de uma forma que os alunos compreendessem (apresentamos um plano de aula ao final deste artigo).

A abordagem da metáfora em Gramáticas Tradicionais

Sabe-se que as gramáticas pedagógicas da língua portuguesa utilizadas em sala de aula se baseiam nas gramáticas tradicionais da língua. Posto isso, Travaglia (2009) propõe uma nova forma de ensino de gramática nas aulas de Português do Ensino Fundamental e Médio. Para tal, esse autor questiona o ensino da língua partindo apenas da abordagem dada pela Gramática Normativa e busca alertar os professores da importância de se trabalhar também com os diversos tipos de gramática a fim de desenvolver a competência comunicativa do aluno em suas variadas esferas. Adotamos neste artigo a seguinte definição de Gramática Normativa dada por este autor:

A Gramática Normativa, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e léxicas), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira. (TRAVAGLIA,2009)

Nota-se a partir dessa definição que, dentro da gramática normativa, não há uma separação do uso da língua de acordo com suas variedades. O que acontece é que essa gramática apresenta apenas um padrão lingüístico correspondente a todas as situações comunicativas. Ela dita normas para o bem falar e escrever sem discernir as adaptações lingüísticas que ocorrem nos variados contextos da comunicação humana, tratando como agramaticais os termos que fogem

das normas apresentadas por ela. Esse é o tipo de gramática que é trabalhado nas aulas de Português na maioria das escolas. Os professores geralmente trabalham apenas com esse tipo gramatical, limitando o conhecimento dos alunos sobre a existência de outras gramáticas e assim de outras variedades lingüísticas, tornando o aprendizado da língua portuguesa cada vez mais distante da realidade dos alunos.

Uma análise mais atenta do que dizem os gramáticos sobre metáforas revela um apriorismo em relação a essa classificação. É o fato de que a maioria das definições sobre metáfora ter como base a concepção da tradição retórica de Aristóteles (séc. IV a.C.) que diz ser a metáfora uma comparação apenas com formas diferentes, como se pode observar na análise a seguir.

De acordo com Campedelli & Souza (2000), a metáfora funciona como uma figura de palavra ou de pensamento. Ao conceituar metáfora, esses gramáticos citam que ela “É o resultado de uma **comparação mental**” e exemplificam com as seguintes sentenças: “Tio Dácio era uma fera!” (Tio Dácio era bravo como uma fera!) e “Doramundo era um poste”. (Doramundo era alto como um poste). Os autores finalizam a explicação sobre metáfora com o seguinte comentário: “Na metáfora não aparece o termo da comparação (como, que nem, feito) explícito”.

Para Abaurre, Pontara & Fadel (2003), a metáfora é vista como figura de palavra. Os autores apresentam a seguinte definição:

Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência (a palavra grega *metaphorá* significa “transporte”) de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. As metáforas baseiam-se em uma relação de **similaridade** (semelhança) que pressupõe um processo anterior de **comparação**. Pode-se dizer, portanto, que a comparação está na base da formação das metáforas.

Os autores utilizam uma charge com algumas metáforas para corroborar a definição dada. É importante notar que estes gramáticos apresentam um comentário afirmando que: “A construção e o uso das metáforas é tão freqüente na linguagem que há até quem afirme que através delas compreendemos o mundo”. Nesta gramática, os autores exemplificam metáforas com uma charge.



GALHARDO, Caco. *Os peçoçudos.*

Há três metáforas nesse texto. A primeira delas é “João e Maria são o governo”.

1. Figura charge

Há três metáforas nesse texto. A primeira delas é “João e Maria são o governo”. Pressupõe-se, na formação dessa metáfora, a comparação prévia: “O governo é **como** João e Maria”. A partir dessa comparação, passa-se à identificação dos dois termos da comparação: “João e Maria = governo”. As duas metáforas seguintes atuam, na tirinha, para que o leitor compreenda o sentido da primeira. Assim, *A verba para saúde e educação são as migalhas* e *Os passarinhos [que bicam as migalhas] são aqueles políticos* nos permitem compreender o que o autor da tirinha pretendeu dizer ao afirmar que João e Maria *são* o governo. Todo raciocínio comparativo se sustenta, nesse caso, na premissa de que as verbas oferecidas pelo governo para saúde e a educação são insuficientes, e que a situação é ainda agravada pelo desvio de parte dessas verbas por políticos corruptos.

De acordo com Cegalla (2000), a metáfora é uma figura de palavra e “é o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos”. O autor utiliza um excerto literário retirado do livro *Crônicas Escolhidas* de Rubem Braga para exemplificar metáforas: “O pavão é um arco-íris de plumas”. Ao final, o autor explica a diferença entre metáfora e comparação:

Não confundir metáfora com a **comparação**. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, etc.):
Nero foi cruel *como um monstro*. (**comparação**)
Nero foi um *monstro*. (**metáfora**)
(CEGALLA, 2000)

Faraco & Moura (1983) enquadram a metáfora como figuras de linguagem e oferecem a seguinte explicação:

Teus olhos são **cais noturnos cheios de adeus**.” Nessa frase, Vinícius de Moraes empregou uma metáfora, pois ele fez uma comparação direta entre os olhos da amada e os cais noturnos. (FARACO & MOURA, 1983)

Pimentel & Mendes (s/d) definem metáfora como “uma substituição por semelhança ou uma comparação subentendida, em que o conectivo não está expresso”. Além dessa definição, os autores apresentam os exemplos abaixo: “O Pão de Açúcar era um teorema geométrico” (Oswald de Andrade) / Suas palavras são *um bálsamo* / Aquela mulher é *uma víbora*.

Como se pode perceber, a maioria dos autores citados enquadra a metáfora como figura de palavra, e Faraco e Moura (1983) a enquadra como figura de linguagem. Apenas Campedelli & Souza (2000) citam que a metáfora pode ser figura de palavra ou de pensamento. Pode-se notar ainda que todas as definições de metáfora apresentam uma relação entre esta e a comparação, como se a metáfora fosse simplesmente uma comparação implícita.

É importante notar que os gramáticos Abaurre, Pontara & Fadel (2003) afirmam que as metáforas são freqüentes na linguagem, contudo a definição por eles apresentada segue o modelo das outras que relacionam a metáfora à comparação.

Os exemplos apresentados pelas gramáticas analisadas são, na maioria das vezes, retirados de textos literários, o que prova a crença de que metáforas são desvios utilizados quando se requer uma linguagem rebuscada. Entretanto, pode-se notar em Abaurre, Pontara & Fadel (2003) a presença de uma charge com várias metáforas que fala sobre o cenário político brasileiro, contextualizando o assunto e tornando-o mais acessível à compreensão do aluno.

Por tudo isso, é possível perceber que as definições de metáforas apresentadas pelos autores das gramáticas tradicionais e pedagógicas se distanciam da proposta de Lakoff e Johnson (2002), uma vez que estes nos mostram que a metáfora não é uma figura de linguagem, mas sim do pensamento. Para estes autores, as metáforas fazem parte do nosso cotidiano e indicam a

forma como enxergamos o mundo. Outro ponto que os autores das gramáticas tradicionais e pedagógicas não abordam é a questão da cultura influenciando as metáforas.

Análise do *corpus*

Com a finalidade de demonstrar que a metáfora está presente na vida cotidiana, foram selecionadas algumas expressões encontradas no dia-a-dia na fala das pessoas e que constituem o *corpus* de análise desse trabalho. Seguem as expressões e suas análises:

a) ***“Custou dois anos para conseguir um bom emprego”***: TEMPO É DINHEIRO. Como em nossa cultura, tempo é algo precioso, vivenciamos o tempo como um recurso que pode ser gasto ou desperdiçado. Dessa forma, TEMPO É DINHEIRO, TEMPO É UM BEM PRECIOSO são conceitos metafóricos, mais especificamente, metáforas estruturais, casos nos quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro.

b) ***“Tenho certeza que sua irmã vai subir na vida”***: STATUS SUPERIOR É PARA CIMA. Nesse caso, temos uma expressão metafórica que deriva de uma metáfora orientacional e possui bases social e física. A base social indica que status é correlacionado ao poder e a base física indica que poder é para cima. O fato de subir na vida tem a derivação de que subir é algo que indica superioridade, estar por cima, algo melhor que os outros, por isso, nessa expressão, é um status superior.

c) ***“Estou deprimida hoje”***: TRISTE É PARA BAIXO

Essa expressão metafórica evidencia a metáfora orientacional TRISTE É PARA BAIXO. A idéia de estar deprimida pode ser associada com algo que está pra baixo, associando com a idéia de que em nossa base física, quando estamos tristes adotamos uma postura caída.

d) ***“Já superei meu problema”***: TER CONTROLE É PARA CIMA.

A base física dessa expressão metafórica está relacionada à base física de que tamanho está ligado normalmente à força física e o vencedor numa luta está normalmente por cima.

e) ***“Este gênio dela não é fácil, sempre batendo de frente com a mãe dela/ “Achei que ela fosse enfrentar a gente”***: DISCUSSÃO É GUERRA. Esta é uma metáfora conceptual na qual relacionamos a

idéia de discussão com guerra, ao qual pode-se ganhar ou perder e a pessoa com quem discutimos passa a ser, de certa forma, nosso adversário, nossos argumentos passam a ser nossas estratégias, assim como na guerra. E apesar de não termos realmente uma batalha física em uma discussão, temos uma batalha verbal. Porém, tudo isso depende da cultura em que está inserida, pois não é em todas as culturas que DISCUSSÃO É GUERRA, há aquelas que apresentam significados diferentes para essa questão de discussão.

f) ***“De onde você tirou essas idéias?”***: IDÉIAS SÃO OBJETOS é a metáfora conceptual que está interligada a essa construção, sugerindo a idéia de que no inconsciente humano existe uma associação na qual as idéias (objetos) estão concentradas dentro de palavras (recipientes) o que é chamado por Lakoff de metáfora do CANAL – a linguagem sobre a própria linguagem.

g) ***“Aquele menina é baixo nível”***: nesta expressão metafórica está presente a metáfora DEPRAVAÇÃO É PARA BAIXO (metáfora orientacional), que indica que valores como educação, controle e bons modos (que caracterizam o que é bom para uma pessoa) são relacionados à orientação PARA CIMA. Desta forma, a ausência desses valores indica o contrário, a orientação PARA BAIXO.

h) ***“Ultimamente estou estudando tanto que minha mente pifou”***: essa expressão metafórica está relacionada à metáfora MENTE É UMA MÁQUINA. O objeto físico “máquina” é utilizado como forma de compreender melhor o conceito abstrato que é a “mente” humana. Sendo assim, essa metáfora é denominada ontológica. Da mesma forma que uma máquina se utilizada exaustivamente pode pifar, a mente humana pode adoecer após um esforço excessivo. A relação feita entre “mente” e “máquina” também se baseia na idéia de que a mente humana quando em trabalho está “ligada” e quando em descanso está “desligada” da mesma maneira que uma máquina.

i) ***“Meu namoro está nas últimas”***: neste caso AMOR É UM PACIENTE (metáfora estrutural). Assim como em um paciente o estado físico debilitado pode se agravar com o passar do tempo até chegar à morte, nesta sentença, o namoro é percebido como desgastado e prestes a acabar.

j) ***“Apostei todas as minhas fichas naquela oportunidade”***: ligada à metáfora conceptual VIDA É UM JOGO DE AZAR (metáfora ontológica), essa construção demonstra que, na mente humana, as

diversas fases da vida e as oportunidades e expectativas que elas trazem estão relacionadas com as etapas e apostas de um “jogo de azar”. Da mesma maneira que “apostamos fichas” em um jogo não conseguindo prever o que está por vir, fazemos tentativas e nos arriscamos em oportunidades esperando um resultado positivo no imprevisível futuro.

Implicações para o ensino

Objetivando levar a teoria da metáfora conceptual para a sala de aula com o propósito de aproximar o estudo das metáforas do cotidiano dos alunos, propõe-se aqui um molde de plano de aula. O que se pretende é auxiliar os professores que buscam trabalhar a língua portuguesa em equivalência com a realidade dos alunos, indo além da forma superficial apresentada pela Gramática Normativa.

Plano de Aula

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio

Tema: Metáforas da vida cotidiana

Objetivo: Ampliar o conceito de metáfora dado pela gramática normativa através da teoria da metáfora conceptual. Mostrar como a metáfora está presente em diversas das enunciações cotidianas muitas vezes sem estarmos conscientes disso.

Metodologia:

1. Iniciar a aula colocando a música *Metáfora* de Gilberto Gil para os alunos ouvirem e pensarem sobre o conceito de metáfora;
2. Perguntar o que é metáfora para eles e escrever as respostas no quadro;
3. Escrever no quadro duas sentenças a serem analisadas: “*Denise é uma flor*” e “*Estou deprimida hoje*”.
4. Perguntar aos alunos se essas sentenças são metafóricas. Hipótese: os alunos não aceitarão a segunda sentença como metafórica.
5. Mostrar que a última sentença apresenta uma metáfora conceptual e discutir o porquê disso com os alunos a partir da proposta de Lakoff e Johnson (não falar claramente

sobre a teoria de Lakoff e Johnson, mas mostrar como as metáforas estão presentes no nosso cotidiano). O professor pode mostrar e comentar as dez sentenças analisadas neste artigo para ilustrar a presença de metáforas na nossa língua do dia-a-dia.

Considerações finais

É fato que este ensino normativo da língua distancia o dia-a-dia dos alunos, por isso são tão comuns comentários de alunos do tipo “Não sei português” ou “Não entendo nada de português”. Os resultados deste estudo mostram que a aproximação do ensino da língua portuguesa do cotidiano dos alunos é possível quando se recorre a teorias lingüísticas mais elaboradas. Decerto, essa proposta não é suficiente para mudar o ensino de língua portuguesa, e tampouco, para modificar a metodologia do professor. Contudo, acreditamos que pode ser um início, chamando a atenção de professores e alunos para que uma mudança se efetive.

Referências

- ABAURRE, M.L; PONTARA, M.N. & FADEL, T. **Português: Língua e Literatura**. (volume único). 2.ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- CAMPEDELLI, S. Y. ; SOUZA, J.B. **Português: Literatura, produção de textos e gramáticas**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 45a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- FARACO, C.E. & MOURA, F.M. **Comunicação em Língua Portuguesa** (primeiro grau). 3.ed. São Paulo: Ática, 1983.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- PIMENTEL E MENDES. **Gramática simplificada: concursos e vestibulares**.
- PONTES, E. (org.) **A metáfora**. 2ª ed. Campinas: editora da Unicamp, 1990, p. 55–69.
- SARDINHA, T.B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.
- TRAVAGLIA, L. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.